

PROJETO TRANCE ESSA REDE

JOVENS UNIDOS CONTRA AIDS

ELISABETH MARIA VIEIRA GONCALVES

COORDENADORA DO PROJETO TRANCE ESSA REDE, DO GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL (GTPOS), SÃO PAULO

Uma vez por semana, adolescentes paulistas se reúnem para conversar e refletir sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e sexualidade. Eles fazem parte do projeto *Trance Essa Rede*, que em três anos de atividades conseguiu atingir 1800 jovens por meio da promoção de eventos como palestras, seminários, oficinas e teatro. Financiado pelo Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST/AIDS e contando com o apoio da Fundação MacArthur e das Empresas Petróleo Ipiranga, o projeto é voltado para adolescentes de ambos os sexos e diferentes classes sociais, entre 12 e 21 anos, da cidade de São Paulo.

A partir de uma metodologia participativa, a coordenação do projeto estimula os jovens a se engajarem em ações que possam capacitá-los como agentes sociais/multiplicadores, construindo uma rede de ações educativas conduzidas por eles mesmos nas áreas de sexualidade e prevenção. Os adolescentes acompanham, aprendem e atuam em todas etapas das atividades: do planejamento à concretização e avaliação do que é proposto, favorecendo a adoção de práticas de sexo protegido, saúde sexual e reprodutiva.

ABORDAGEM

Na prática, o projeto desenvolve dinâmicas de grupo com foco no conceito de vulnerabilidade, promovendo reflexões e elaboração das ações preventivas. Desse modo, os comportamentos individuais de maior ou menor exposição ao risco de contaminação são considerados em relação a um conjunto mais amplo de determinantes, que devem ser contemplados no planejamento das intervenções preventivas. Para aumentar a eficácia das ações relacionadas às mudanças de atitude na área da sexualidade, o projeto privilegia a abordagem de temas como relações de gênero; adolescência; afetividade; corpo erótico; saúde reprodutiva; e obstáculos socioculturais e emocionais que, via de regra, dificultam a adoção de condutas preventivas.

Ao levar a prevenção da AIDS para o dia-a-dia dos adolescentes, destacando as diferentes situações de risco, a experiência do projeto tem propiciado a construção de espaços de debate e convivência, em que o jovem atua como sujeito social. Os adolescentes têm a oportunidade de desenvolver o seu senso crítico e criar novas formas de intervenção na realidade a partir da sua reflexão e da sua ação concreta no espaço público - a família, a escola, a comunidade e a mídia.

TRAJETÓRIA DO PROJETO

1996 - Realização de oficinas de sexualidade e prevenção com adolescentes de escolas públicas e particulares, grupos e supervisão; produção de um cartaz e um folheto educativo; e articulação com jovens de outras ONGs.

1997/98 - Formação de núcleos de educadores e adolescentes multiplicadores, incluindo jovens da comunidade de Heliópolis (SP); coordenação de oficinas pelos adolescentes multiplicadores; debates na mídia; realização do seminário "Adolescência, Sexualidade e Prevenção", com a participação de 250 adolescentes e 30 educadores da cidade de São Paulo; e produção do álbum II Adolescência e Vulnerabilidade".

1999 - Formação de seis novos núcleos de adolescentes e um grupo adicional de educadores que acompanharão as atividades desenvolvidas. Também estão previstos a produção de um novo material educativo e a realização de um seminário e do Encontro Paulista de Adolescentes (EPA), nos dias 13, 14 e 15 de agosto.

O TRANCE ESSA REDE ESTÁ ABERTO À PARTICIPAÇÃO DE ADOLESCENTES E EDUCADORES INTERESSADOS NO TRABALHO DESENVOLVIDO PELO PROJETO.

ADOLESCÊNCIA E VULNERABILIDADE

Publicado pelo GTPOS, o álbum "Adolescência e Vulnerabilidade" foi produzido para dar apoio aos educadores que trabalham na área de sexualidade, ou adolescentes capacitados para o trabalho de multiplicação de informação. A idéia do álbum surgiu durante os encontros do projeto Trance Essa Rede, pretendendo servir de estímulo aos adolescentes na discussão das situações que oferecem risco à infecção pelo H IV e outras DSTs. A imagem é a estratégia central do material, tornando-o um eficiente veículo de comunicação, ação e, portanto, de prevenção. Os educadores podem acrescentar ou adaptar novas idéias e recursos às fotos de jovens, conceitos e atividades apresentados no álbum, enriquecendo a proposta e respeitando as características regionais e culturais de cada grupo. Pedidos podem ser feitos para o GTPOS, nos telefones (011) 822-8249 e 822-2174, ou ainda pelo e-mail gtpos@that.com.br.

ESTOU VULNERÁVEL ÀS DSTs/AIDS QUANDO...

- acho que nada vai acontecer comigo.
- não tenho alguém confiável para me ajudar quando preciso.
- para transar faço qualquer coisa.
- tenho medo de mostrar o que sinto
- não sei como cuidar da minha saúde sexual
- uso uma droga que me faz perder a cabeça

Fonte: Álbum "Adolescência e Vulnerabilidade", publicado pelo GTPOS.

TROCANDO IDÉIAS COM ROSALI NUNES PREVENÇÃO TAMBÉM SE APRENDE BRINCANDO

Por Marta Torres

Jornalista

Desde os 15 anos, a estudante carioca Rosali Nunes tem a uma rotina diferente da maioria dos adolescentes da sua idade. Trabalhando como agente de saúde, Rosali aprendeu a dividir o seu tempo entre as aulas do colégio e as visitas, palestras e apresentações nas comunidades, buscando chamar a atenção dos jovens para a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e da AIDS. Hoje, aos 18 anos, Rosali participa da Trupe da Saúde - parte do programa de saúde do Grupo Cultural Afro Reggae que, por meio de técnicas circenses e de teatro de rua, apresenta esquetes sobre sexualidade, drogas, violência e DSTs para jovens em locais como favelas, escolas e praças públicas. Nesta entrevista exclusiva para o Boletim ABIA, Rosali fala sobre o trabalho que desenvolve no grupo.

POR QUE SE INTERESSOU EM TRABALHAR COMO AGENTE COMUNITÁRIA DE SAÚDE?

Há três anos conheci pessoas que trabalhavam na prevenção do HIV/AIDS nas comunidades e fiquei muito interessada nas atividades que eles desenvolviam. Como na época eu só estudava, tinha tempo para me dedicar a esse trabalho. Logo procurei saber o que eu precisava fazer para participar também do grupo de prevenção. Em poucos meses, já estava conversando e dando palestras para jovens em comunidades carentes, escolas e ONGs, além de fazer a distribuição de materiais informativos sobre DST/AIDS.

COMO SE PREPAROU PARA ESSE TRABALHO?

Quando comecei, a única informação que tinha sobre AIDS é que ela era uma doença mortal. Por isso, antes de realizar um trabalho de prevenção com os jovens precisei ler muitos livros, boletins e conversar com outras pessoas que já atuavam nessa área, para tirar as minhas dúvidas. Só depois que me senti segura nas informações que tinha sobre a doença pude começar a trabalhar como agente de saúde. Estou sempre lendo muito para saber cada vez mais sobre a doença e enriquecer o meu trabalho.

DE QUE FORMA VOCÊ DIVIDE O SEU TEMPO ENTRE AS APRESENTAÇÕES DA TRUPE E OS ESTUDOS?

Duas a três vezes por semana, faço apresentações com a *Trupe da Saúde*. Como estudo à noite, aproveito a manhã e a tarde para participar dos ensaios do grupo e também para fazer um curso de inglês. Consigo dividir tudo direitinho, sem prejudicar os meus estudos, até porque quem tira notas baixas na escola não pode continuar na Trupe.

EXPLIQUE AS ATIVIDADES QUE DESEMPENHA NA TRUPEDA SAÚDE.

Junto com mais nove jovens, faço apresentações em favelas, escolas, na rua, e em eventos. Já nos apresentamos no Rio de Janeiro e em Brasília. Nós chegamos nos locais, pedimos a atenção das pessoas e

mostramos quatro esquetes para falar de prevenção a DSTs, AIDS, gravidez, drogas e violência. Explicamos a importância do uso de preservativos, ensinamos como usá-los e falamos sobre as formas de contágio das DSTs. A apresentação é feita com muita música e brincadeira. Vestindo roupas coloridas, tocando instrumentos de percussão, cantando e dançando em pernas de pau, chamamos a atenção do público para os cuidados que devemos ter com o corpo.

EXISTE ALGUMA DIFICULDADE EM ABORDAR ESSES TEMAS?

Não. O público se diverte muito com a *Trupe da Saúde*. Às vezes, o único problema é que algumas pessoas ficam envergonhadas de falar sobre sexo e DSTs. Mas criamos um ambiente bastante descontraído para que se soltem e participem das nossas brincadeiras.

OS ADOLESCENTES DEMONSTRAM RESISTÊNCIA PARA FALAR SOBRE AIDS?

Sinto que hoje os jovens falam mais abertamente sobre assuntos relacionados com a sua sexualidade. Falo pela minha própria experiência no colégio e também na comunidade onde moro. Tenho colegas que quando sabem que trabalho com prevenção ficam curiosos e vêm me perguntar sobre DSTs. É muito bom poder ajudá-los. Sempre que tenho oportunidade, converso com eles sobre suas dúvidas.

COMO VOCÊ VÊ A AIDS ATUALMENTE?

Assim como tudo mundo, espero que a epidemia de HIV/AIDS termine um dia. Mas enquanto isso não acontece, devemos nos prevenir. Se todos usarem somente agulhas e seringas descartáveis e lembrarem da camisinha na hora da transa, não é preciso ter medo da doença. Também devemos investir na informação e mostrar a nossa solidariedade, ajudando as pessoas doentes.

O QUE ESPERA FAZER QUANDO TERMINAR OS ESTUDOS?

Até concluir o segundo grau, no ano que vem, quero continuar na Trupe. Depois pretendo procurar emprego, fazer um curso pré-vestibular para ver se consigo entrar na universidade, para cursar Medicina ou Direito. Meu sonho é ser médica ou então uma advogada criminalista. Desse modo, poderei continuar ajudando as pessoas.

PREVENÇÃO ENTRE ADOLESCENTES DE BAIXA RENDA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

MURILO PEIXOTO DA MOTA

SOCIÓLOGO DO NÚCLEO DE ESTUDOS E PROJETOS EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (NEPCOM/UFRJ) E BOLSISTA DA FUNDAÇÃO MACARTHUR.

O trabalho de prevenção da AIDS com adolescentes moradores de favelas é sempre um desafio para o educador e o profissional de saúde. A própria lógica da fala sobre sexualidade, as representações negativas sobre a AIDS já muito solidificadas e o contexto de vulnerabilidade social em que se encontram esses jovens estão entre as maiores dificuldades a serem enfrentadas.

Pesquisas (PAIVA, 1996) constataam que o primeiro requisito para influenciar o comportamento sexual entre adolescentes é a informação clara sobre os âmbitos que envolvem a sexualidade e a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). A informação associada às atividades lúdicas contribui para articular aspectos emocionais relacionados ao comportamento de alto risco a que estão expostos em suas vidas sexuais. Dinâmicas de grupo, trabalho corporal e representação cênica sobre as suas realidades de vida, por exemplo, devem complementar as aulas didáticas sobre conteúdos clínicos, anatomia do corpo, mecanismos de transmissão, epidemiologia da AIDS etc. Essas atividades podem influencia-los e motiva-los a falarem com outros jovens sobre tais problemas. É importante, portanto, estabelecer mecanismos que estimulem a autoconfiança, pois assim acreditarão que são suscetíveis à AIDS e que a epidemia é problema em sua vida cotidiana.

MENINOS E MENINAS

Como resultado de uma pesquisa que desenvolvi junto a jovens da Rocinha (Mota, 1996), observei que os meninos geralmente falam com mais facilidade sobre suas práticas sexuais e costumam ver a experiência sexual como um sinal de masculinidade. As meninas, por sua vez, só falam de sexo com as melhores amigas, mas costumam se entregar de corpo e alma a grandes paixões. Nessa conjuntura dos gêneros, meninos e meninas encontram-se vulneráveis ao HIV/AIDS. Os meninos por crescerem em um contexto de supervalorização do sexo como uma característica de sua identidade de "ser homem"; e as meninas pela própria conjuntura de sedução, romantismo e paixão que as , leva a se entregarem aos "apelos sexuais masculinos.

O comportamento dos jovens se baseia freqüentemente no que eles acreditam que seus amigos pensam uns dos outros. A falta de experiência sexual é desvalorizada, fato que influencia o jovem a procurar ter relações sem estar suficiente- 'mente preparado para isso. Por não acreditarem que outros jovens também acham a abstinência sexual aceitável, muitos jovens sentem-se influenciados a praticar sexo sem a certeza do momento adequado. Tal situação apresenta riscos evidentes para DSTs. Destacar o ato

sexual como uma prática especial que deve ser feita com carinho, bem como enfatizar a camisinha como ato de amor, responsabilidade e respeito com o parceiro deve subsidiar todo o conteúdo temático das oficinas.

A forma como são incorporados os estereótipos de gênero dificultam o trabalho de sensibilização e enfrentamento da epidemia. Em termos de práticas sexuais, pelo menos as que são discutidas em grupo, observei, a partir de oficinas específicas, que há ambigüidades marcantes relacionadas a valores morais entre o que se diz e o que se faz sexualmente. Alguns meninos oscilavam entre uma heterossexualidade afirmada e uma homossexualidade circunstancial. As meninas, uma visão do sexo cheia de tabus e contradições relacionadas à liberdade, marcada pela "perda" da virgindade, experiências com aborto, incesto e abandonos afetivos. Tal realidade mostra a necessidade de diversificação da metodologia utilizada para intervenção.

COMPORTAMENTO

Vale destacar que os jovens de baixa renda têm grande capacidade de adaptação às novas informações e atitudes, mas para isso devem sentir-se influentes na construção do que podem ou não podem fazer sexualmente. Necessitam aceitar, aderir comportamentos com um novo valor que dá *status*, soberania no seu grupo, autoconfiança perante a sociedade. Portanto, a prática do "sexo seguro" associada a uma revelação de mudança que traz *status*, ajuda a produzir no jovem morador em comunidades com grandes aglomerados populacionais como as favelas, um sentimento de auto-estima, de segurança, de poder e maturidade nas suas relações afetivas.

É certo que mesmo que os jovens tenham informação apropriada e queiram evitar comportamento de alto risco, eles podem não ter habilidade, prática, ou disposição de comunicar seus desejos. Em muitas situações as meninas não compram preservativos e nem pensam em usá-los, pois portar a camisinha na bolsa ou comprá-la na farmácia pode afetar a sua "imagem moral". Por outro lado, os meninos parecem estar usando a camisinha mais como um símbolo de virilidade e atividade sexual do que como um instrumento para o sexo seguro cotidiano. A busca de acesso fácil e anônimo para a obtenção do preservativo, articulando pontos alternativos para a distribuição, deve ser uma estratégia importante do programa.

INTERVENÇÃO

Uma das primeiras tarefas para a construção do processo de intervir para informar sobre a AIDS passa também por definir que contexto metodológico empregar no trabalho, levando em conta as informações e dados de pesquisas sócio-antropológicas com jovens. No caso em questão, propus um modelo de intervenção que prioriza a (des)construção da imagem da AIDS associada ao medo, à promiscuidade e à discriminação às pessoas soropositivas, valendo-me de atividades lúdicas como inserção na rádio e TV comunitárias. Estabeleci estratégias dentro do diálogo e da colaboração mútua, a partir de dinâmicas que têm por objetivo motivar a participação e auto-estima individual. Além disso, toda a discussão da sexualidade no contexto do trabalho parte de uma abordagem construtivista da sexualidade, que pressupõe uma análise da cultura sexual da comunidade. Toda a ênfase é dada ao estímulo de

participação dos jovens nas tomadas de decisões e definições de prioridades a serem encaminhadas junto à comunidade.

De maneira geral, ao lidar com questões que envolvem a sexualidade de jovens, observo que parece haver uma movimentação no sentido de se falar mais abertamente sobre as regras morais rompidas e sobre a sexualidade praticada no cotidiano. Sexo antes do casamento, incesto, homossexualidade, estupro, prostituição, aborto, gravidez, orgasmo, virgindade, DSTs, fazem parte do *script* da experiência sexual e do silêncio de muitos jovens que moram em favelas. Ao encontrarem espaço para debaterem suas angústias e medos, compartilhando suas experiências a partir de atividades lúdicas, tais como teatro, música, pintura, dança, produção de vídeo e rádio, possibilitam para si mesmos alternativas de enfrentamento diante da vida. As experiências com atividades culturais possibilitam ao jovem encontrar respaldo prático nos trabalhos de prevenção desenvolvidos. Eles falam sobre sexualidade quando acham que podem e que devem, principalmente quando encontram espaço e confiança para fazê-lo. Logo, é importante reconhecer que a discussão da sexualidade, tarefa importante no contexto da busca de consciência sobre o corpo e sobre o reconhecimento da vulnerabilidade aos riscos de contágio da AIDS, deve ser estimulada ao máximo nas atividades de prevenção, sem que o educador/interventor tome posições morais, deixando para o grupo o debate e as conclusões.

É óbvio que dificuldades são encontradas. Podemos destacar que os jovens estão em movimento, ou seja, suas vidas estão marcadas por inúmeras prioridades onde a questão da prevenção da AIDS está longe de ser aferida como atividade em si, aspecto muito compreensível. Os problemas relacionados à sobrevivência coloca-os frente a frente com a necessidade de ganhar dinheiro muito cedo. Os constantes conflitos familiares associados ao uso indiscriminado da bebida e outras drogas ilícitas, baixa escolaridade, o desemprego e o subemprego oferecem a alguns jovens pouca expectativa na sua própria vida, pouco estímulo. Todas essas questões, condicionadas a um ambiente de violência, nos colocam diante de uma realidade que tem exigido muita criatividade e perspicácia para o desenvolvimento de atividades sistemáticas que venham a contribuir para que os jovens permaneçam numa proposta de solidariedade específica focalizada na prevenção das DST/AIDS.

O desenvolvimento de atividades lúdicas aplicadas ao trabalho de prevenção ajuda na interiorização e consciência dos riscos relacionados às DST/AIDS. Trata-se então de atuar junto à mídia comunitária, desenvolvendo programas de rádio, vídeo, atuando nas festas, reuniões comunitárias, colocando a prevenção da AIDS menos como uma questão específica e mais como algo articulado com todas as outras questões da vida comunitária. A prevenção da AIDS foi canalizada para um debate político que coloca a questão da sexualidade em um contexto mais amplo, que dê sentido à solidariedade coletiva, à relativização dos estereótipos de gênero e à consciência da cidadania.

Bibliografia

MOTA, Murilo Peixoto. 1996. *Gênero e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em tempos de AIDS*. Cadernos de Saúde Pública, vol. 14 número 1 (janeiro/março), páginas 145-156.

PAIVA, Vera. 1996. *Fazendo arte com a camisinha: a história de um projeto de prevenção da AIDS para jovens*. Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

MENINAS DA CALÇADA: NA BATALHA PELA CIDADANIA

ZILMA FONSECA

COORDENADORA DO PROJETO MENINAS DA CALÇADA, DO PROGRAMA INTEGRADO DE MARGINAUDADE (PIM),
RIO DE JANEIRO

Em março de 1995, o Programa Integrado de Marginalidade (PIM) iniciou um trabalho educativo junto a adolescentes envolvidas na prostituição: o projeto *Meninas da Calçada*. Formado voluntariamente pela agente de saúde Ivanilda Santos de Lima, do projeto *Saúde na Prostituição* do PIM, o projeto teve origem na observação de um acentuado aumento no número de adolescentes nos pontos de prostituição de rua cobertos pelo PIM, no Rio de Janeiro. Anualmente, 100 adolescentes são atingidas pelo projeto, por meio da realização de cursos, módulos e oficinas educativas diárias e também cerca de 500 meninas de comunidades pobres e áreas de prostituição, a partir do trabalho que envolve encaminhamentos para serviços de assistência à saúde do adolescente; encaminhamento dos filhos das meninas para creches; distribuição de preservativo, distribuição e discussão de materiais educativos (saúde, cidadania etc.) e captação para os cursos regulares, encontros e eventos promovidos pelo PIM.

No início, o projeto consistia em conversas e reuniões informais com as meninas que circulavam pelas áreas de prostituição, além da distribuição de material informativo e preservativos. Mas aos poucos as adolescentes foram sendo estimuladas a sugerir atividades para o seu desenvolvimento pessoal. E, no ano seguinte à sua criação, conseguimos atrair algumas jovens para um trabalho sistemático na sede da instituição, com a realização de módulos de saúde sexual e reprodutiva, oficinas de cidadania e técnicas artísticas.

IDENTIDADE FEMININA

As meninas que participam do projeto são meninas que já estão na "batalha" (trabalhadoras do sexo) e as que não têm ocupação, que ficam na calçada ou fazem "programinhas" em troca de um tênis, de uma roupa - enfim, que não são assumidamente trabalhadoras do sexo (aliás, até mesmo entre as mulheres adultas que estão "batalhando", são poucas as que se assumem como profissionais do sexo, pois o preconceito é muito grande).

Por que trabalhar só com meninas? Primeiro porque não sabemos de nenhum outro trabalho específico para adolescentes do sexo feminino no Rio de Janeiro, e também porque temos a convicção, corroborada por estudos e pesquisas, de que a educação de meninas e mulheres traz benefícios sociais para toda a sociedade. Em algumas comunidades, inclusive, o trabalho é facilitado devido à articulação com a associação de moradores. Quando, por exemplo, o presidente da associação é quem faz a convocação dos jovens para uma oficina, palestra ou outra atividade qualquer, as atividades do projeto são favorecidas.

A metodologia implementada no *Meninas da Calçada* tem um forte componente de gênero, com foco em temas como identidade feminina e relação homem-mulher, buscando uma reflexão sobre o ser mulher e o ser sujeito de si mesma. Com isso, espera-se estimular e reforçar a autonomia, a autodeterminação e possibilitar o exercício da escolha e a criação de alternativas. Também pretende-se favorecer a conscientização e mudança de comportamento no que se refere à saúde sexual e reprodutiva, colaborando no sentido de reduzir a incidência de DST/AIDS entre os jovens; e orientá-los para a

utilização dos serviços públicos de saúde específicos para adolescentes, contribuindo assim para o aprimoramento desses serviços.

INTERVENÇÃO

O projeto tem duas vertentes: o trabalho de abordagem e intervenção educativa nas áreas de prostituição de rua e comunidades pobres, e as atividades realizadas na sede da instituição. O trabalho na rua e nas comunidades tem como objetivo a abordagem educativa de adolescentes que não se dispõem ainda a participar de atividades sistemáticas, preparando-as *in loco* para a assunção de outros espaços e métodos educativos. Para esse trabalho, desenvolvemos uma metodologia específica que inclui a realização de intervenção face-a-face, grupos espontâneos de discussão e oficinas temáticas.

Para o início das atividades permanentes, são realizados grupos focais com as adolescentes para levantamento das suas expectativas, necessidades específicas e sugestões para oficinas, atividades, encontros e eventos a serem realizados. Já no decorrer do projeto, reuniões semanais são promovidas com as adolescentes para avaliação das atividades implementadas e correção de rumos do planejamento das atividades.

O projeto envolve também as mulheres adultas profissionais do sexo. Com orientação dos agentes de saúde do PIM nas áreas de prostituição, as profissionais do sexo passaram a dar atenção maior àquelas adolescentes envolvidas com a prostituição e mais resistentes a uma atividades sistemática fora da área.

OFICINAS

As oficinas com adolescentes desdobram os três componentes básicos do projeto: saúde - cultura-trabalho. No componente trabalho, as meninas participam de oficinas profissionalizantes de adereçaria (adereços para espetáculos). A preocupação com a autonomia e a integração das adolescentes no mercado revela-se na metodologia específica de treinamento gerencial para pequenos empreendimentos, que já frutificou na criação, em 1998, de um núcleo da Cooperativa Meninas da Calçada, em funcionamento na sede do PIM.

São alguns dos conteúdos das oficinas de saúde: sensibilização e conhecimento corporal, sexualidade, saúde reprodutiva, menstruação/Kravidéz/métodos anticoncepcionais identidade feminina, relação de gênero, oficinas sobre DST/AIDS e sexo seguro, auto-estima, usuário e abusário de drogas, drogas lícitas e ilícitas, auto-regulação: o que é e como conseguir.

O componente cultura busca o resgate cultural e a construção da identidade, trabalhando a partir da expressão de conhecimento que esse grupo de meninas traz da sua realidade e do mundo. Buscando resgatar as marcas socioculturais, muitas vezes negadas, permitindo assim um processo mais positivo de construção de sua identidade e de conhecimento.

O trabalho com o teatro possibilitou a dramatização de diversas situações vivenciadas pelas jovens, o exercício de superação dessas situações, a criatividade, a habilidade de comunicação social e o enriquecimento da imaginação, da criatividade, da expressão corporal e verbal, através da vivência de diversos personagens criados e apresentados em peças teatrais roteirizadas e montadas por elas mesmas e apresentadas para adolescentes e educadores de outras instituições e público em geral. já é tradicional a participação das Meninas da Calçada na realização do evento de 1 ° de dezembro, Dia Mundial de Luta

contra a AIDS, no centro da cidade, onde elas se preparam para apresentar peças de teatro como, em 1997, "Romeu e Julieta em tempos de AIDS" e, também, distribuir preservativos, material informativo, além de prestar informações à população atraída pelo evento.

O PIM E O TRABALHO COM ADOLESCENTES

O programa Integrado da Marginalidade (PIM) é uma ONG que desde 1991, realiza um trabalho de educação em saúde e cidadania junto a populações marginalizadas socialmente, como os profissionais do sexo, travestis, detentos e familiares de detentos. O trabalho da área de saúde é viabilizado pelo apoio financeiro de agências de cooperação internacional e do convênio com o Ministério da Saúde, possibilitando que cerca de 120 educadores de diversas instituições que realizam trabalho com adolescentes fossem capacitados pelo PIM, na sua metodologia específica para adolescentes de baixa renda, através de cursos e encontros especiais. O enfoque educativo vai além do simples debate sobre os problemas enfrentados por elas, pois estimula o repensar sobre valores, atitudes internalizadas e ações que exteriorizam no contexto sociocultural. A metodologia do PIM com adolescentes inclui instrumentos metodológicos diversos e apropriados como dinâmica de grupo, vídeo, discussão em grupo, debates, vivência, leitura, dramatização, jogos e dança.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS – ABIA Entidade de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal Entidade de Fins Filantrópicos	EXPEDIENTE Boletim ABIA nº 42 Outubro/Dezembro de 1998 Tiragem: 3.000 exemplares Distribuição interna Diretor Presidente: Richard Parker Diretora Vice-Presidente: Sonia Corrêa Secretário Geral: Otávio Cruz Neto Tesoureiro: José Loureiro Jornalista responsável: Jacinto Corrêa MT 19273 Coordenação editorial: Marta Torres	CONSELHO EDITORIAL: Bia Salgueiro, Fernando Sá, Jane Galvão, José Marmo da Silva, Marcelo Secron Bessa, Richard Parker e Veriano Terto Jr. Programação visual, editoração eletrônica, produção gráfica e fotonúcleos: A 4 Mãos LTDA Impressão: Gráfica Reproarte <i>Este boletim foi financiado com recursos da EZE/Evangelische Zentralstelle Entwicklungsbilfe e V.</i>
--	---	--